

## **Rosa Malagueta, os desafios de viver para a arte e viver da arte<sup>1</sup>**

Socorro de Souza Batalha (UFAM)<sup>2</sup>

Alvair Carolino da Silva (IFAM)<sup>3</sup>

Esta comunicação deriva de um trabalho etnográfico sobre a trajetória social (BOURDIEU, 2011) da atriz popularmente conhecida na cidade de Manaus e no Amazonas (AM) como Rosa Malagueta, atuante no cenário cultural local e com trabalhos em âmbito nacional. Malagueta diz que sua verve artística inicia aos sete anos de idade quando vendia flores artificiais em frete a igreja de São José, no bairro Praça 14 de Janeiro, flores essas confeccionadas por sua avó que também fora Mãe de Santo no mesmo bairro. “Eu fazia palhaçadas e interagia com as pessoas e vendia todas as rosas para minha avó” (MALAGUETA, 2023). No entanto, seu sonho de atuar nas artes cênicas começa na adolescência durante o período escolar, por meio de representações teatrais nos lugares de periferias dos bairros da Zona Leste de Manaus (AM). Partindo dessas premissas, Rosa materializa seus sonhos e atua no teatro, cinema, fez novela na Rede Globo e nos diz que “sempre quis viver para arte, mas que viver da arte é muito penoso e difícil”. Portanto, um projeto de vida e um sonho que se materializa à margem do glamour projetado pelo senso comum que atomiza na vida de alguns poucos profissionais das artes cênicas e cinematográficas que adquirem boa situação financeira e patrimonial. O que pretendemos com relatos da trajetória social (BOURDIEU, 2011) desta atriz é aproximar um olhar antropológico sobre o cotidiano de uma pessoa que atua na produção cultural local e encara demandas de ser mãe, avó, atriz, produtora, figurinista, costureira, sambista, brincante de boi-bumbá e ainda alinha o mundo do mercado cultural local com um fazer herdado por transmissão familiar que é o de ser quituteira, pois Rosa Malagueta tem uma

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

<sup>2</sup>Pós-doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFAM), doutorado em Antropologia Social (PPGAS/UFAM), cientista social pela (UFAM). Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM/POSGRAD) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa e recurso de apoio ao evento. E-mail: socorrobatalha19@gmail.com

<sup>3</sup>Professor do IFAM, membro do Grupo de Trabalho Patrimônio e Museus da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Doutorado em Antropologia Social (PPGAS/UFAM), E-mail: alvair.silva@ifam.edu.br

banca de café regional em uma praça situada no Centro Histórico de Manaus, como ela ressalta “se não fosse essa banca de café a nossa situação seria bem pior”. No entanto, Malagueta tem articulado projetos culturais por meio de editais oriundos das leis Paulo Gustavo (2022) e Aldir Blanc (2020). A atriz e produtora aponta questões críticas sobre essas modalidades e financiamento de projetos, dificuldades de formação e consolidação de público nos teatros de Manaus e a desvalorização dos artistas e produtores locais pelas políticas, pelo público e setores da imprensa, o que, segundo ela, são empecilhos para se viver dignamente das artes.

Palavras-chave: arte; Rosa Malagueta; trajetória social.

### **A trajetória social de Rosa Malagueta**

A noção de *trajetória*, enquanto percepção analítica, serve para entender tanto os desafios de viver para a arte, quanto os contextos específicos para viver da arte. Diante desse aspecto, a trajetória de Rosa Malagueta está relacionada a condição social em que ela nasceu, as violências que sofreu em seu casamento, a sua condição de mãe, as experiências de vida, os estudos de teatro e dramaturgia, os trabalhos de produção cultural e os sonhos de trabalho que realizou. Utiliza-se a ideia de trajetória proposta por Bourdieu (2011), quando ressalta que o termo é a objetivação das interações entre o agente e as formas relacionais em seus campos de atuação. O desenvolvimento dessa objetivação deriva um percurso, que se condiciona ao contrário das biografias comuns:

[...] toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do habitus e reconstitui a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos" (BOURDIEU, 2011, p. 71).

Mediante o exposto, a trajetória ocorre por meio de sucessivos espaços ocupados por determinados artistas que atuam em diferentes segmentos das artes, seja no teatro, dança, novela, cinema, dentre outros. Nesse sentido, a trajetória social é o movimento dentro do campo estratégico que está sempre em mudança, em que por mais que as pessoas estejam em um mesmo espaço de trabalho e atuação, as oportunidades não são as mesmas para todas as pessoas, devido as suas trajetórias de vida.

A trajetória social aqui apresentada relata a importância da carreira artística de Rosa Malagueta, mãe, atriz, humorista conhecida em Manaus (AM) e no Brasil em decorrência da sua atuação na novela da rede globo, Forças do Querer, que inclusive viajou para o Rio de Janeiro para interpretar uma benzedeira, chamada Neide. E, também pela participação no filme A Festa da Menina Morta, ganhador do prêmio de melhor filme da seção Novos Diretores do Festival Internacional de Chicago, Estados Unidos.

Eu sempre sonhei que um dia eu ia atuar na Globo, nem pensava em novela, queria trabalhar na Escolinha do Professor Raimundo. Eu sempre fui engraçada, sempre fui assim, sempre gostei da parte mais cômica do teatro. Sempre dizia, vou fazer um teste na Globo e, em 2000 quando terminei um contrato de uma campanha eleitoral. Fui para o Rio de Janeiro fazer teste para a Escolinha do Professor Raimundo, na Globo encontrei o ator Tonico Pereira, tirei uma foto com ele e disse: um dia ainda vou contracenar contigo! Acabou que nesse teste não passei, tinha muita gente do eixo São Paulo e Rio de Janeiro, dificilmente escolheriam alguém do norte do Brasil. (Rosa Malagueta, 2023).

A trajetória social de Rosa Malagueta revela sempre a sua luta para a ocupação de espaço relacionado a sua profissão de atriz e humorista, um caminho de busca para que ela pudesse atuar em programa de TV, filme e novela, pois em Manaus o seu trabalho ficou muito mais restrito a programas de personagens para campanhas eleitorais, comerciais, movimentos de lutas sociais e filmes curta metragens resultado de projetos em editais locais. Rosa Malagueta estudou teatro com Vagner Melo, fez curso de teledramaturgia pela Rede Amazônica (afiliada da Rede Globo), gravou mais de 15 filmes, incluindo “A Festa da Menina Morta”, tal como ressaltando, longa-metragem dirigido pelo ator Matheus Nachtergaele, lançado em 2008.

Em relação aos testes de elenco para o papel na novela Força do Querer que estavam ocorrendo em Manaus, com calendário para iniciar o processo de gravação em 2017, no primeiro momento Rosa Malagueta não estava esperançosa, foi quando ela recebeu a ligação de uma amiga chamando-a para fazer o teste, mesmo assim, ela informou que não iria participar. No último dia de gravação, a sua amiga retornou o contato dizendo que a diretora da novela tinha visto os vídeos dos seus trabalhos disponíveis na internet e que tinha adorado, assim, depois de muita insistência Rosa Malagueta resolveu ir até para o local.

Cheguei lá tinha um textão para decorar, em 15 minutos, li o texto, não decorei, mas peguei o sentido, o começo, meio e fim. Entrei no estúdio, ela estava sentada, a diretora da novela, aí eu fiz toda a cena, ela olhou pra mim e disse: vamos ensaiar? Eu disse, vamos porque eu não decorei e no meio do ensaio eles gravaram, daí eu disse bora valendo? Posso fazer melhor, ela disse não,

não precisa, o resultado vai sair em dezembro. Eu espalhei para todo mundo que eu ia fazer a novela, mesmo sem o resultado, mas quando saiu a lista, o meu nome estava em primeiro, realmente foi a força do querer do meu pensamento. (Rosa Malagueta, 2023).

Percebe-se que os sentimentos de incertezas estão relacionados aos processos sociais e dinâmicas cotidianas que podem mobilizar, ressignificar, corporificar e projetar um sonho de realidade e vida de uma atriz. Diante dessa perspectiva, Bourdieu (2011) ressalta que a trajetória social de um agente ganha força quando começa a operar em um campo de ação. Se um campo vive em constante mudança, a trajetória social se constitui dentro dessa estrutura, com estratégias que ganham formas muitas vezes momentâneas e duradouras. Em 2017, quando começaram as gravações da novela, Rosa Malagueta se inspirou na sua avó para fazer a personagem, pelo o fato de ela ser mãe de santo e curar as pessoas. Ressaltou ainda, que a sua atuação seria somente no Amazonas, pois a sua personagem faria uma breve participação na novela.

O meu personagem ia morrer em Manaus, o elenco ia embora para o Rio de Janeiro, eu ia ficar aqui, mas a gente foi convidado para a estreia da novela, veio o convite pelo e-mail, só que a globo não se responsabilizava por nada, eu não tinha para nada de recurso. Eu liguei para o ator Jackson Antunes, ator que se tornou meu amigo, depois da gravação do filme A Festa da Menina Morta, falei olha é o seguinte: fiz a novela aqui e agora vai ter a estreia no dia 3 de setembro aí no Rio de Janeiro e não tenho onde ficar. Ele disse: você é minha amiga pode ficar na minha casa, pronto já tinha onde ficar, agora faltavam as passagens. Fui a secretaria do estado não sei quantas vezes, sempre informavam que não tinha orçamento, fui a prefeitura, também a mesma resposta. Sabe quem me deu minha passagem? A minha filha tinha R\$700, ela disse: mãe vamos tirar a tua passagem, tenho esse único valor, deu para comprar a passagem somente só ida, assim fui e fiquei lá por quatro anos. (Rosa Malagueta, 2023).

Nesse aspecto, Rosa Malagueta ressalta o tempo inteiro a importância das relações de amizades, dos afetos construídos ao longo do tempo, das memórias que marcam a sua infância e o despertar as suas emoções e sentimentos de pertencimento pela arte. Essas alianças são constituídas por meio da profissão, dos lugares de atuação, os afetos e memórias estão ligados aos laços de solidariedades, criadas geralmente por meio de redes sociais de amigos (BOISSEVAIN, 2010).

Fui para estreia, todo mundo no prédio, foi tudo muito chiquérrimo. Quando eu entrei naquela festa as minhas lágrimas começaram a cair, meu Deus! Estou na Globo, eu vou passar no horário nobre. Aí vi a gloria Perez sentada numa mesa, foi nesse exato momento a atriz Zezé Polessa me viu, ela é muito minha amiga e disse: vou te levar lá com a Gloria Perez, ela está louca para te conhecer. Daí sentei na mesa com a Glória, comecei a falar, do meu jeito mesmo, ela me olhava, ela me olhava e ria. A Zezé começou a mostrar os vídeos engraçados dos meus trabalhos. Só fuleiragem (risos)! Gloria Perez

morria de ri e em um exato momento, ela me olhou assim e disse: “vou te colocar de novo na novela malagueta” tu vais ficar na novela. Eu fui a única daquele elenco que gravou no Amazonas que fiquei até o final da novela e de lá quando terminou a novela, fui fazer um filme em São Paulo e fiquei quatro anos fora do Amazonas. (Rosa Malagueta, 2023).

Partindo dessas premissas, vamos priorizar nos escritos as narrativas da Rosa Malagueta, as suas críticas sobre as dificuldades de formação e consolidação de público nos teatros de Manaus e a desvalorização dos artistas e produtores locais pelas políticas públicas e setores da imprensa, o quê, segundo ela, são empecilhos para se viver dignamente das artes.

### **Viver para a arte**

Rosa Malagueta faz parte de uma geração em que se ouvia novela na rádio, geralmente transmitida no final de tarde na década de 1970, mesmo pequena ela tinha curiosidade de saber como era a estrutura de uma rádio. “O que era aquilo que você sintonizava em um canal e ouvia as vozes das pessoas que estavam distantes?”, “Como que era feito uma novela de rádio e os roteiros dos personagens?”. Foram a partir dessas vivências e imaginações infantis que Rosa Malagueta começou a se interessar pela atuação artística.

Rosa Malagueta aos sete anos de idade vendia rosas em frente à igreja do São José, no bairro da Praça 14 de Janeiro, Manaus (AM). Nessa função, ela conversa com as pessoas e ouvia muitas histórias. Ainda na sua infância, os familiares de Rosa Malagueta, foram residir no bairro São José Operário, localizado na zona leste de Manaus (AM), área da periferia da cidade. Na época os moradores sofriam com a falta de infraestrutura, pois as ruas não eram asfaltadas e também não tinha abastecimento de água potável e tratamento de esgoto, todo o acesso água era feito de forma manual por meio de baldes e garrafas.

A sua mãe fez a sua matrícula na escola municipal Júlia Barjona Labre, mas não tinha dinheiro para comprar a sua farda e Rosa Malagueta teve que usar roupas improvisadas.

Rosa nos conta que sempre foi muito comunicativa e logo fez amizades no seu novo bairro e em sua nova escola e, com um grupo de amigas, organizou um concurso de música que durou por vários anos. Rosa Malagueta sabia cantar uma única música e era

essa que ela defendia todos os anos no concurso que contava com o público interno da escola, devido essa experiência ela começou a sonhar em ser cantora.

Tudo mudou quando o professor Abdiel Moreno assumiu a direção da escola, ele participava do Grupo Universitário de Teatro do Amazonas – GRUTA e disse a Rosa Malagueta que iria montar um espetáculo e gostaria que ela participasse.

Aí ele disse: Rosa eu vou montar um espetáculo, quero que você participe. Daí eu fiz meu primeiro espetáculo chamado O Quati Papa-Ovo, em 1983. Eu achei fantástico, porque foi na rua e todo mundo assistiu, daí eu falei: isso aí que eu vou fazer mesmo! Vou fazer teatro, daí fui fazer uma oficina em um projeto que tinha no SESI do trabalhador com Wagner Melo, era teatro pelo bairro, fui ser palhaça e de lá eu não parei mais. Aconteceu várias coisas na minha vida, eu fazia animação de festa para ganhar dinheiro, entendeu? Fazia tudo isso. Não parei mais de fazer teatro, é desse trabalho que sobrevivo (Rosa Malagueta, 2023).

Toda a trajetória construída por Rosa Malagueta perpassa o teatro, pois ela vive da sua profissão, mesmo com todas as dificuldades de trabalho que continuam ocorrendo, inclusive nos dias atuais.

Eu acho que hoje, depois de tudo que aconteceu, a dificuldade continua, mesmo com a fama, com tudo que já alcancei, por que eu descobri sabe o quê? Que nós amazonenses não somos valorizados no nosso estado, tu podes fazer o que quiser, o público, o governo, a prefeitura, ele não te valoriza, ele não está de portas abertas para ti, tu tens sempre que está mendigando, não adianta você participar de novela da Globo. Eu acho que eu e Adanilo somos os únicos amazonenses que saímos da cidade para fazer cinema em outros lugares, a gente viaja o Brasil, mas quando a gente vai pedir ajuda para uma passagem, uma hospedagem, ajuda de custo, a gente nunca tem, isso não vai parar, porque sempre se cria uma panelinha e como eu não faço parte dessa panelinha, sempre fui assim, eu nunca deixei ninguém pegar no meu pulso e achar que eu devo alguma coisa, vai continuar assim, sabe? a gente nunca vai ser valorizado, eu posso amanhã montar um espetáculo no Teatro Amazonas com tudo pago, não vai lotar, não vai, posso ir atrás de monte de gente, vão me ajudar? Pouquíssimas pessoas, uma ajuda irrisória, com um lanche do camarim, entendeu? É isso que falo, ninguém consegue vencer ainda mais os artistas, dentro do estado do Amazonas, no estado do Pará vejo que o tratamento com o artista um pouco diferente, assim como na cidade de Parintins-Am, que é um lugar que valoriza seus artistas, eles se valorizam e aqui em Manaus, não acontece da mesma forma”. (Rosa Malagueta, 2023).

## **Viver da arte**

Segundo Rosa Malagueta, criar um espetáculo em Manaus (AM) é difícil por conta de custos da região Amazônica serem altos, no que se refere deslocamento de pessoas para diversas localidades, objetos, materiais e dentre outras despesas. Essa

dificuldade está relacionada ao fato de a viagem ocorrer por meio de barco recreio<sup>4</sup> ou lancha a jato<sup>5</sup> que exige horas de deslocamento entre os municípios do estado. Dentro dessa perspectiva, Rosa Malagueta participou de um projeto financiado pela Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa – SEC, denominado “Arte por toda parte” que foi executado em várias regiões do estado do Amazonas. Participavam várias pessoas nesse projeto.

Durou vários anos na gestão do Robério Braga, atuavam várias pessoas nos municípios em diversas linhas de frente, como: oficina de teatro, dança, cinema, artes, cada vertente do espetáculo, de leitura, aí para fazer a direção dos espetáculos, eu tinha apoio de uma pessoa contratada para fazer sonoplastia, o cenário e figurino. Assim, esse projeto ocorreu em vários lugares mais próximos da cidade de Manaus, com mais possibilidade de acesso (Rosa Malagueta, 2023).

Outro projeto que Rosa Malagueta viveu essa experiência foi no chamado Regatão Cultural, no entanto, este projeto era restrito ao município de Manaus, mas foi executado nas diversas comunidades urbanas periféricas da cidade e nas comunidades rurais de Manaus.

A partir desses trabalhos, Rosa Malagueta observou o descaso do Estado com alguns municípios, e aponta criticamente que há muitas manifestações culturais que precisam de maior apoio e visibilidade no Amazonas:

Só é importante para o Estado, aquele povo, aquele lugar onde tem o que se mostrar, não sei se tu vais concordar comigo, Parintins tem o que? O Festival Folclórico de Parintins, anualmente as disputas dos bois Garantido e Caprichoso. Para o boi o Estado dar importância, por que aquilo traz o que? Economia para o Estado. É o que tem em Caapiranga, município próximo a capital de Manaus? Tem um festival do cará-branco e cara-roxo, pouco conhecido, porque ninguém praticamente conhece, o investimento ali é muito reduzido, tanto em trabalho cênico quanto em atividade cultural, o poder público não vai muito lá, a não ser os vereadores que são da própria cidade, mas que vivem mais tempo em Manaus em suas residências do que nos municípios que eles foram eleitos. Já começa por aí o descaso daquela população, daquele lugar que é pouco respeitado” (Rosa Malagueta, 2023).

---

<sup>4</sup>Os recreios são o tipo de embarcação regional mais significativo para o transporte de passageiros, podendo inclusive receber a denominação genérica de “barco regional”, de forma metonímica. São embarcações de madeira (“barco-motor” ou “B/M”) ou de ferro (“navio-motor” ou N/M) “responsáveis pela maior parte das viagens e do transporte de passageiros e mercadorias entre as cidades do Amazonas”. (Tambucci, 2014).

<sup>5</sup>Barcos em estrutura de alumínio naval, com motores de polpa ou turbo que proporciona o dobro da velocidade dos barcos tipo recreio, onde se viaja mais lentamente e o passageiro tem espaço para atar rede para dormir e descansar, além do espaço de laser. Diferente das lanchas a jato, onde o passageiro tem uma poltrona e não espaço de lazer, mas a viagem é muito mais rápida.

No município de Manacapuru, próximo ao município de Caapiranga, tem um investimento maior, segundo a análise da Rosa Malagueta, devido a disputa do Festival de Cirandas e pelo o fato de serem mais conhecidas e reconhecidas,

As cirandas têm um investimento maior, um olhar para lá, as pessoas ali podem sonhar, o que elas querem ser? Porque as pessoas vão para lá olhar para elas, as pessoas vão para o boi de Parintins, não vão olhar para onde tudo começou? E sim para um lugar de visibilidade e potencialidade para o artista que vive e sobrevive da arte (Rosa Malagueta, 2023).

Analisando as questões postas por Rosa Malagueta, é possível pensar o campo de arte dramática de forma análoga ao futebol profissional amazonense, por mais que se construa uma trajetória de evidencia nacional e internacional em atuação em novelas e filmes, em que pessoas de várias idades, religiões, localidades e nacionalidades ocupem esse espaço, mesmo que haja uma ligação em atores e espectadores, pelo o fato de ser do mesmo estado não recebe a mesma evidência e tratamento como as pessoas de fora. Algo parecido ocorre com o futebol amazonense, que sem investimento vive com o estádio esvaziado e jogando para si. Essas duas profissões são consideradas difíceis para a vida material das pessoas, por exemplo, pode existir um jogador que joga, mas não é tão bom, devido a uma circunstância de oportunidade, faz com que ele fique bem materialmente, de grana e visibilidade, ao passo que outra pessoa que por ausência de oportunidade, pelo o lugar onde ele se encontra e vive, pode até ter o futebol melhor do que aquela outra pessoa, mas ele vive mal materialmente. Mesmo sendo craque, tem que ser frentista em posto de gasolina ou outra atividade profissional que não o futebol.

Assim como no futebol, há um glamour vivenciado por alguns poucos, nas artes é semelhante. É o caso de Rosa Malagueta, que ama as artes cênicas, atriz com vários trabalhos em teatro, cinema e novela, mas tem que acordar diariamente de madrugada para por sua banca de café da manhã em uma praça pública no Centro Histórico de Manaus. Uma grande atriz e produtora, mas que as circunstâncias fazem de sua carreira artística uma condição instável do ponto de vista material.

Rosa relembra as inquietações de sua mãe quando dizia: “Rosa, esse teatro não dá dinheiro. Vai trabalhar, vai arrumar um emprego”, mas o teatro para Malagueta é profissão, é trabalho, é a vida.

Referências

BOISSEVAIN, J. [1974] 2010. “Apresentando ‘amigos de amigos: redes sociais, manipulações e coalizões’”. In: Bela Feldman-Bianco (org). Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos. São Paulo: Editora Global.

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa – Campinas, São Paulo: Papyrus, 1996.

\_\_\_\_\_. Economia das trocas simbólicas. 5. ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.

CARVALHO, Luciana Gonçalves. A graça de contar: um Pai Francisco no bumba-meu-boi do Maranhão. 1. ed. Rio de Janeiro: Aeropolano, 2011. v. 1. p. 583.

COELHO, M. C.; REZENDE, C. Introdução. O campo da antropologia das emoções. In: COELHO, M; REZENDE, C. (org) Cultura e sentimentos-ensaios em antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Contra Capa / faperj, 2011.

LACERDA, Paula. O sofrer, o narrar, o agir: dimensões da mobilização social de familiares de vítimas. Horizontes Antropológicos, n. 42, 2014.

PAIXÃO, Cláudio Chaves. Radionovelas: o cotidiano da população amazônica nas produções da Rádio Nacional da Amazônia (1977 a 2019). 2019. 156f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Sociedade) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade, Palmas, 2019.

TAMBUCCI B. Y. Rio a fora, cidade a dentro: transporte fluvial e modos de viver no Amazonas. Dissertação de mestrado em Antropologia social, USP, 2014.